

A DINÂMICA RURAL - URBANA DA PEQUENA CIDADE SANTA CRUZ DO RIO PARDO - SP: 1950 -2016.

The rural - urban dynamics of the small town Santa Cruz do Rio Pardo - SP: 1950 -2016.

La dynamique rurale - urbaine de la petite ville de Santa Cruz do Rio Pardo - SP: 1950-2016.

Franciele Miranda Ferreira Dias
Universidade Estadual de Londrina
franciele.ferreiradias@gmail.com

RESUMO

O objetivo do trabalho foi apresentar a dinâmica rural-urbana de Santa Cruz do Rio Pardo, cidade localizada na região Centro-Oeste paulista, entre 1950 e 2016, como um elemento que contribuiu para a compreensão do papel que desempenhava na rede urbana de Ourinhos. Esse recorte temporal, refere-se à intensificação do processo de urbanização desse município e quanto às mudanças nas atividades econômicas desenvolvidas no mesmo. A análise de Santa Cruz do Rio Pardo foi motivada por tratar-se de uma pequena cidade que passou por expressivas transformações, no âmbito da rede urbana em que se insere, destacando-se quanto ao crescimento do setor secundário. Verificou-se que a acumulação de capital obtida a partir das atividades agropecuárias desenvolvidas desde a gênese do município, notadamente o cultivo de café, contribuíram para o desenvolvimento das atividades econômicas na área urbana, principalmente quanto à indústria alimentícia, setor que apresenta destaque no período atual. Para a realização desse trabalho consultou-se a bibliografia referente à história de Santa Cruz do Rio Pardo, o conceitos pequenas cidades e rede urbana e aos dados econômicos e demográficos a fim de compreender a dinâmica rural-urbana.

Palavras - Chaves: Santa Cruz do Rio Pardo, Dinâmica Rural-Urbana, Pequena Cidade, Rede Urbana.

Abstract

The objective of the work was to present the rural-urban dynamics of Santa Cruz do Rio Pardo, a city located in the Midwest region of São Paulo, between 1950 and 2016, as an element that contributes to the understanding of the role it played in the urban network of Ourinhos. This time frame refers to the intensification of the urbanization process in this municipality and to the changes in economic activities developed in it. The analysis of Santa Cruz do Rio Pardo was motivated by the fact that it is a small city that has undergone significant transformations, within the scope of the urban network in which it operates, standing out as to the growth of the secondary sector. It was found that the accumulation of capital obtained from agricultural activities developed since the birth of the municipality, notably the cultivation of coffee, contributed to the development of economic activities in the urban area, especially regarding the food industry, a sector that stands out in the period current. To carry out this work, we consulted the bibliography referring to the history of Santa Cruz do Rio Pardo, the concepts, small towns and urban network and economic and demographic data in order to understand the rural-urban dynamics.

Keywords: Santa Cruz do Rio Pardo, Rural-Urban Dynamics, Small Town, Urban Network.

Résumé

L'objectif du travail était de présenter la dynamique rurale-urbaine de Santa Cruz do Rio Pardo, une ville située dans la région du Midwest de São Paulo, entre 1950 et 2016, comme un élément qui a contribué à la compréhension du rôle qu'elle a joué dans le réseau urbain de Ourinhos. Ce délai renvoie à l'intensification du processus d'urbanisation dans cette commune et aux évolutions des activités économiques qui s'y développent. L'analyse de Santa Cruz do Rio Pardo a été motivée par le fait que c'est une petite ville qui a subi des transformations importantes, dans le cadre du réseau urbain dans lequel elle opère, se démarquant par la croissance du secteur secondaire. Il a été constaté que l'accumulation de capital issu des activités agricoles développées depuis le début de la commune, notamment la culture du café, a contribué au développement des activités économiques en milieu urbain, notamment dans l'industrie alimentaire, secteur qui se démarque à l'époque actuel. Pour mener à bien ce travail, nous avons consulté la bibliographie faisant référence à l'histoire de Santa Cruz do Rio Pardo, aux concepts de petites villes et de réseau urbain et aux données économiques et démographiques afin de comprendre la dynamique rurale-urbaine.

Mots-clés: Santa Cruz do Rio Pardo, dynamique rurale-urbaine, petite ville, réseau urbain.

Introdução

O presente artigo¹ analisa as transformações na dinâmica rural-urbana da pequena cidade Santa Cruz do Rio Pardo, a partir da segunda metade do século XX até o período hodierno, sendo marcado pela concretização do processo de urbanização e da transformação desse município outrora fortemente atrelado às atividades desenvolvidas no campo, em um município marcadamente industrial, pautando sua economia em atividades econômicas urbanas. Trabalha-se com o conceito de pequena cidade partindo da análise do papel de Santa Cruz do Rio Pardo na rede urbana de Ourinhos.

A escolha de cidade de Santa Cruz do Rio Pardo refere-se à diferenciação que a mesma apresenta frente as outras cidades² da rede urbana, apresentando destaque quanto à indústria alimentícia (FERREIRA DIAS, 2019). O estudo das pequenas cidades ainda é pouco recorrente na geografia brasileira e, considerando a diversidade quanto aos aspectos econômicos e sociais presentes nas pequenas cidades, justifica-se seu estudo.

No ideário popular as pequenas cidades são percebidas como espaços urbanos pouco complexos, pautados pela tranquilidade e aparente imutabilidade social e econômica. Entretanto, assim como outros escalões urbanos, as pequenas cidades podem passar por mudanças econômicas que alteram seu papel na divisão territorial do trabalho e por conseguinte, na rede urbana, justificando novamente a pertinência desse trabalho.

¹ O trabalho é parte dos resultados da tese da presente autora, intitulado (.....)

² A rede urbana de Ourinhos é composta atualmente por : Ourinhos, Santa Cruz do Rio Pardo, Piraju, Espírito Santo do Turvo, São Pedro do Turvo, Bernardino de Campos, Canitar, Ibirarema, Ipaussu, Ribeirão do Sul, Salto Grande, Chavantes, Fartura, Sarutaiá, Tejupá e Timburi.

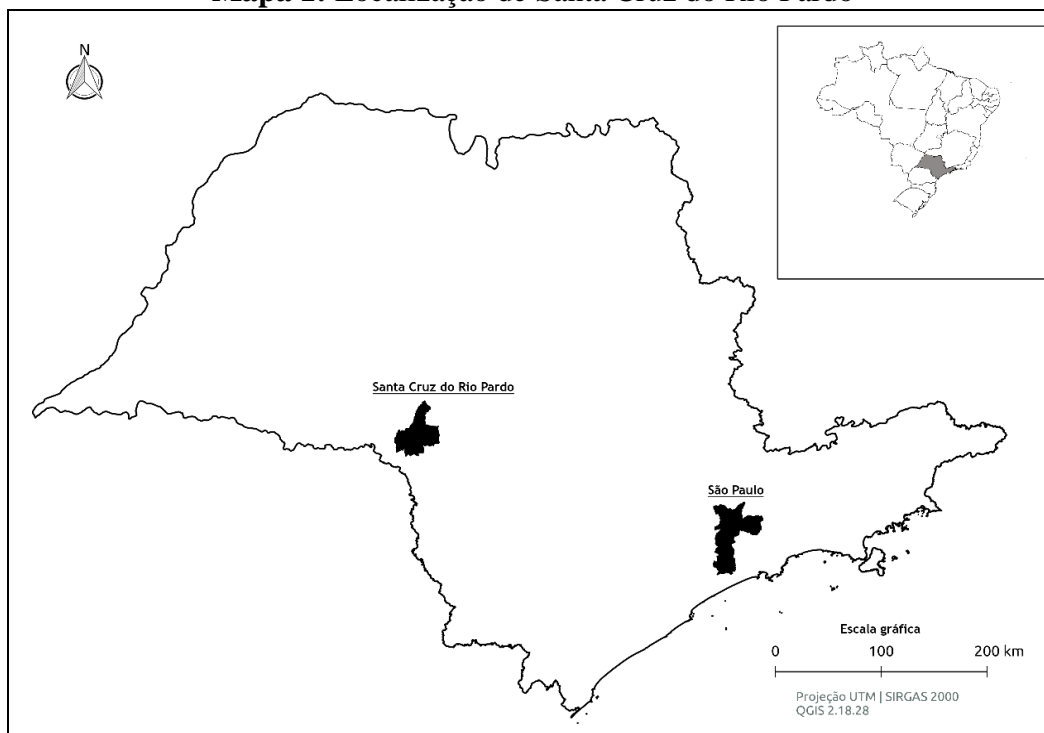
Não há consenso acerca de um conceito que possa definir a pequena cidade, prevalecendo duas opções metodológicas de estudo: 1) A discussão apoiada na questão populacional; 2) O papel que a cidade desempenha na rede urbana. Apoiamos a análise na segunda opção, embora o fator populacional não possa ser descartado.

O objetivo do trabalho foi apresentar a dinâmica rural-urbana de Santa Cruz do Rio Pardo, entre 1950 e 2016, a fim de compreender qual papel desempenhava na rede urbana de Ourinhos. Também, buscou-se: 1) analisar os principais elementos que influenciaram na intensificação do processo de urbanização ocorrido durante o recorte temporal do trabalho; 2) apresentar os elementos que transformaram Santa Cruz do Rio Pardo, outrora um município cuja economia pautava-se na cafeicultura e que presentemente apoia-se no setor sucroalcooleiro e na indústria alimentícia. Os procedimentos metodológicos foram: 1) consulta à bibliografia relativa à história de Santa Cruz do Rio Pardo, os conceitos de pequena cidade e rede urbana, bem como dados censitários; 2) Levantamento de campo³ em junho de 2018 para a coleta de informações acerca dos aspectos não esclarecidos pela bibliografia consultada.

Atualmente Santa Cruz do Rio Pardo conta 47.395 habitantes (IBGE, 2018) e pauta sua economia no cultivo de cana-de-açúcar, nas indústrias beneficiadoras de arroz (Brasília Alimentos, Guacira, Rosalito, São João, Nardo e Valle Branco) e na indústria de rações para gatos e cães (Special Dog), além de apresentar o setor terciário vinculado à prestação de serviços ao setor industrial mencionado. O cultivo de café deixou de ser uma atividade econômica relevante a partir da década de 1960, sendo substituído pela cana-de-açúcar (FERREIRA DIAS, 2019). O mapa 1 apresenta a localização da cidade estudada, a 356 km da capital São Paulo.

³ Realizou-se diálogos informais com dois moradores locais e com um agente público vinculado à Prefeitura Municipal. Os entrevistados solicitaram a não divulgação de seus nomes.

Mapa 1: Localização de Santa Cruz do Rio Pardo



Org: a autora.

As pequenas cidades e a rede urbana

Até a década de 1950 havia grande quantidade de pequenas cidades ligadas às atividades econômicas do campo, pois forneciam bens e serviços necessários à produção do setor primário e à população que habitava a área rural, suprindo as demandas do comércio, serviços e administração pública, relativos às atividades desenvolvidas no campo (SANTOS, 2013).

Devido a modernização agrícola e a inserção de tecnologia nos diversos setores produtivos, as pequenas cidades passaram por mudanças quanto ao seu papel na rede urbana. A ligação entre campo e cidade tornou-se facilitada em consequência da melhoria dos meios de transporte, o que fez com que as distâncias pudessem ser percorridas mais rapidamente. Esses fatores estimularam a espacialização agrícola e a difusão do consumo, levando à concentração capitalista e por consequência, o capital determinaria os locais onde ocorreria os investimentos, não apenas no espaço intra-urbano como na rede urbana, sendo que algumas localidades se valorizaram em detrimento de outras (SANTOS, 2013).

Portanto, entre a década de 1960 e o período contemporâneo, a concepção do que é uma pequena cidade mudou, pois, o emprego de novas tecnologias nos processos produtivos, criou novas lógicas locacionais que alteraram de forma significativa o papel que as mesmas desempenhavam até então:

Antes, eram as cidades dos notáveis, hoje se transformam em cidades econômicas. A cidade dos notáveis, onde as personalidades eram o padre, o tabelião, a professora primária, o juiz, o promotor, o telegrafista, cede lugar à cidade econômica, onde são imprescindíveis o agrônomo (que antes vivia nas capitais), o veterinário, o bancário, o piloto agrícola, o especialista em adubos, o responsável pelo comércio especializado (SANTOS, 2013, p. 56).

A pequena cidade refere-se aos núcleos urbanos com função administrativa, atividades econômicas vinculadas à produção e circulação de mercadorias e à prestação de serviços sendo “[...] um núcleo dotado da função de sede municipal. Reconhecemos que inúmeras vilas e povoados têm funções urbanas, mas o padrão dominante diz respeito à presença da função político-administrativa [...]” (CORRÊA, p. 7, 2011).

Reitera-se que há duas abordagens possíveis quanto ao estudo das pequenas cidades: o papel na rede urbana e o critério populacional. O critério populacional, apresenta divergência sobre quantos habitantes teria uma pequena cidade. Para o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA, 2000), a pequena cidade tem a população urbana de até 50.000 habitantes, coincidindo com Corrêa (2006). Para Assis et al (2007), a população inferior a 100.000 habitantes caracteriza uma pequena cidade e, para Olanda (2008) seria 20.000 habitantes. Para os autores, o fator populacional é aceitável para compreender uma cidade como pequena, não importando as funções na rede urbana e a complexidade econômica que possam apresentar.

Ao contrário, Endlich (2006) e Fresca (2010) consideram o fator populacional incompleto para identificar-se uma cidade como pequena. Para Endlich (2006), há aquelas redes urbanas com a ausência das cidades de porte médio, sendo uma rede urbana composta de pequenas cidades e pela presença de uma grande cidade, em geral a capital do estado, e, nesse sentido, as pequenas cidades poderiam desempenhar papéis completamente diferentes conforme a rede em que se inserem. Para Fresca (2010), há cidades com tamanhos similares e importâncias distintas, vinculadas aos papéis que as mesmas desempenham na divisão territorial do trabalho.

As primeiras discussões teóricas sobre a rede urbana deve-se à expansão do capitalismo entre os séculos XIX e XX, momento em que acentua-se a diferenciação entre lugares e centros urbanos, apontando-se a hierarquização urbana, coexistindo cidades complexas funcionalmente e economicamente ao passo que há ainda aquelas cuja existência permeia o limiar entre o urbano e o rural, sendo que cada cidade desempenha um papel, determinado pela divisão territorial do trabalho (BESSA, 2012).

A Teoria das Localidades Centrais de Christaller (1966), datada de 1933, deu início às discussões sobre a rede urbana, sistematizando as relações hierárquicas entre as cidades, do

ponto de vista das trocas comerciais, evidenciando a importância dessas cidades quanto à amplitude dos serviços e atividades comerciais exercidas. Porém, a teoria citada não se mostrava aplicável em países em desenvolvimento dada as diferenças quanto à constituição da rede urbana (CORRÊA, 1994).

Nesse sentido, Santos (1989) apontou que a rede urbana desses países não seguiria necessariamente o mesmo percurso, pois nem todos os lugares apresentavam cidades primazes e, da mesma forma, a divisão territorial do trabalho também atribuía papéis distintos às cidades de tamanho populacional semelhante. Destarte, a rede urbana deveria ser estudada também nos países em desenvolvimento, compreendendo de antemão que, haveria singularidades, podendo existir as mais diversas complexidades.

Conforme o REGIC - Região de Influência das Cidades de 2007 (IBGE, 2008), estudo mais recente sobre a rede urbana brasileira, predominam os centros de zona e os centros locais; sendo esses caracterizados como pequenas cidades. As metrópoles e cidades de porte intermediário estão irregularmente distribuídas no território brasileiro, notadamente na região Nordeste e Centro-Sul do país. Os centros de zona são:

[...] nível formado por 556 cidades de menor porte e com atuação restrita à sua área imediata; exercem funções de gestão elementares. Subdivide-se em: a. Centro de zona A – 192 cidades, com medianas de 45 mil habitantes e 49 relacionamentos. Predominam os níveis 5 e 6 da gestão territorial (94 e 72 cidades, respectivamente), com nove cidades no quarto nível e 16 não classificadas como centros de gestão; e b. Centro de zona B – 364 cidades, com medianas de 23 mil habitantes e 16 relacionamentos. A maior parte, 235, não havia sido classificada como centro de gestão territorial, e outras 107 estavam no último nível daquela classificação (REGIC, 2008, p.12).

Os centros locais são “[...] as demais 4.473 cidades cuja centralidade e atuação não extrapolam os limites do seu município, servindo apenas aos seus habitantes, têm população predominantemente inferior a 10 mil habitantes (mediana de 8.133 habitantes) [...]” (REGIC, p.13, 2008). Os níveis superiores na rede urbana são a grande metrópole nacional - São Paulo, metrópoles nacionais, capitais regionais e centros sub-regionais (REGIC, 2008, p. 12). No REGIC de 2007 (IBGE, 2008) as pequenas cidades referem-se aos centros locais e centros de zona, sendo os elementos mais numerosos da rede urbana. A centralidade mínima refere-se aos centros locais e; os centros de zona são caracterizados por uma centralidade um pouco maior.

Corrêa (2004) observou que, em decorrência da expansão do processo de urbanização brasileiro, tem-se o aumento do número de centros sub-regionais e da expansão das atividades

econômicas, reflexo também da melhoria dos meios de transporte no Brasil, que levou a uma interligação entre campo e cidade. As pequenas cidades passaram a atender demandas locais relativas ao comércio varejista e serviços, levando à complexificação no tocante às suas funções.

Assim, o papel que a pequena cidade apresenta na rede urbana está atrelado às atividades econômicas desenvolvidas nas mesmas e, de acordo com Corrêa (2011), não se pode considerar que todas as pequenas cidades sejam iguais, pois isso depende das atividades econômicas desenvolvidas. De acordo com Corrêa (1994), a rede urbana deve ser entendida como reflexo da divisão territorial do trabalho, sendo as pequenas cidades numerosas e diversas entre si por conta de suas diferenciações econômicas e sociais.

A dinâmica rural-urbana de Santa Cruz do Rio Pardo: 1950 – 2016

Para Junqueira (1994) Santa Cruz do Rio Pardo era área de passagem de exploradores que buscavam adentrar o sertão paulista, através dos cursos dos rios navegáveis Turvo e Pardo e quanto aos espigões, que facilitavam parcialmente esses deslocamentos. Porém o início da ocupação do município foi motivado por agricultores mineiros, que estabeleceram-se às margens do Rio Pardo na década de 1850, sendo a fundação oficial em 1872. Antes da expansão da marcha do café em direção ao Centro-Oeste Paulista, o município configurava-se como o limite da ocupação em direção ao oeste paulista, caracterizando-se pela agricultura de subsistência e restrita pecuária. O desenvolvimento do município liga-se à expansão dos trilhos da E.F. Sorocabana e da marcha do café. A chegada da ferrovia contribuiu para efetivar o núcleo urbano, trazendo trabalhadores e o comércio, atendendo as necessidades cotidianas (MONBEIG, 1984).

Na primeira metade do século XX, as atividades econômicas realizadas na cidade atendiam à demanda do âmbito rural, sendo que as atividades agrícolas empregavam vasta mão-de-obra, pois não haviam se modernizado, daí o predomínio da população habitando a área rural. Na dinâmica urbana-rural predominava uma economia pautada na agricultura, cujos principais produtos eram o café e milho, itens comercializados fora do âmbito local e outras produções destinadas ao consumo local. O núcleo urbano colocava-se como apoio às necessidades de consumo da população rural e uma restrita população urbana, bem como atendia a demanda quanto ao beneficiamento dos produtos agrícolas e a comercialização dos alimentos produzidos localmente (FERREIRA DIAS, 2019).

A existência de um comércio atacadista possibilitava a distribuição dos produtos industrializados, necessários à produção agrícola e também ao abastecimento da população, quanto às suas necessidades básicas. O comércio varejista atendia as demandas oriundas do

campo e que não eram atendida nos distritos, concentrando-se na sede urbana municipal. Apesar do predomínio das atividades econômicas desenvolvidas no âmbito rural na economia municipal, havia um processo de urbanização em curso.

Conforme a tabela 1, em 1950 a taxa de urbanização era 25,78%, corroborando que as atividades econômicas relativas ao rural apresentavam maior importância na economia municipal. Em 1960 o município permanecia pouco urbanizado com apenas 37,98% da população residindo na área urbana, significando que o processo de modernização da agricultura ainda não havia findado. Em 1970 a taxa de urbanização passou a ser 50,10 %, sendo que a população urbana cresceu 15,44%. Entretanto, entre 1960 e 1970, em termos gerais, o município apresentou diminuição -10,93% de sua população, pois apesar da população urbana ter aumentado, a população rural passou por redução de -27,03%.

Tabela 1: Evolução populacional Santa Cruz do Rio Pardo entre 1950- 2010.

Ano	População urbana	População rural	População total	Taxa de urbanização
1950	8.293	23.865	32.158	25,78%
1960	14.582	23.809	38.391	37,98%
1970	17.245	17.363	34.608	49,82%
1980	22.293	11.603	33.926	65,71%
1990	31.557	7.959	39.516	79,85%
2000	35.060	5.793	40.853	85,81%
2010	40.154	3.767	43.921	91,42%

Fonte: IBGE (1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2010).

Org: Ferreira Dias, 2019.

A inserção de processos que modernizaram a agricultura levou à diminuição da quantidade de trabalhos no âmbito rural e, o aumento das áreas destinadas às pastagens e ao cultivo de cana-de-açúcar corroboram esses fatos. As atividades econômicas urbanas não foram capazes de absorver toda a demanda oriunda do âmbito rural, concluindo-se que parte dos habitantes rurais deslocaram-se para cidades de maior porte populacional, com maiores ofertas de empregos no âmbito urbano (FERREIRA DIAS, 2019).

A cidade de Santa Cruz do Rio Pardo continuava crescendo, mas o município reduzia sua população rural, devido ao esvaziamento demográfico dos distritos⁴ de Sodrélia, Caporanga e

⁴ Conforme Ferreira Dias (2019), Santa Cruz do Rio Pardo era formada por vários distritos. São Pedro do Turvo foi fundado em 24/12/1876 e desmembrado em 29/05/1891, tornando-se município, situação semelhante a Salto Grande fundado em 14/04/1891 e desmembrado em 27/11/1911; Óleo, fundado em 06/06/1891 e desmembrado em 14/12/1917; Chavantes, fundado em 22/10/1909 e desmembrado 04/12/1922; Bernardino de Campos, fundado em 06/12/1917 e desmembrado em 09/12/1923, mantendo o mesmo nome do período em que eram distritos. Campos Novos foi fundado em 13/04/1880 e desmembrado em 10/03/1885, tornando-se o município de Echaporã, situação semelhante a Turvo, fundado em 21/05/1934 e desmembrado em 09/1/1990, tornando-se Espírito

Clarínia, sendo que os habitantes passaram a habitar a sede municipal de Santa Cruz do Rio Pardo, Ourinhos e cidades do norte do estado do Paraná. O desmembramento de Espírito Santo do Turvo em 1991 também ocasionou perda populacional. Em 1980 o município tornou-se urbanizado pois havia 63,30% de habitantes urbanos. A população urbana aumentou 22,64% em relação ao censo de 1970 e a população rural diminuiu -33,17%. A perda populacional, também foi observado em 1980, pois comparavelmente a 1970, ocorreu a diminuição de -1,97% da população.

Em 1990, 79,85% da população habitava a sede municipal. Entre 1980 e 1990, diferentemente das décadas anteriores, a população aumentou 14,14% motivado pelo crescimento da população urbana, de 29,35%. Porém, no mesmo período, a população rural, diminuiu 3,64%. Em 2000, 85,81% da população era urbana, sendo que comparativamente a 1990, houve um aumento geral de 3,27%. No período citado, a população urbana aumentou 9,99% e a população rural diminuiu 27,21%. Entre 2000 e 2010 a população aumentou 6,98%, sendo que a população urbana cresceu 12,68% e a população rural diminuiu 34,97%. Em 2010 a população urbana totalizava 91,42%, existindo 3.767 habitantes na área rural, uma vez que o setor primário não estava atrelado somente ao cultivo de cana-de-açúcar (tabela 12), gerando empregos na área rural.

Devido à mudança de metodologia⁵ quanto à coleta de dados pelo IBGE, analisou-se a atividade comercial entre 1950 e 1980 a partir dos dados do mesmo. Também consultou-se os dados do cadastro central de empresas, acerca do comércio e indústria. Entre 1950 e 1960, momento que Santa Cruz do Rio Pardo ainda não era predominantemente urbano, com taxas de urbanização de 25,78% e 37,98% respectivamente, o comércio varejista era pouco relevante.

A pouca quantidade de estabelecimentos varejistas e atacadistas (tabelas 2 e 3) justifica-se pela fraca urbanização dos municípios da rede urbana em geral, devido à centralidade exercida por Ourinhos e, principalmente, em razão da importância das atividades econômicas desenvolvidas no âmbito rural, sendo que os distritos e vilas rurais acabavam por atender a demanda quanto aos itens de consumo mais recorrentes, sendo o comércio disponibilizado na cidade, necessário em poucas ocasiões.

Santo do Turvo. Os distritos de Sodrélia, fundado em 07/11/1929, Caporanga, Domélia e Clarínia, fundada em 30/11/1944, permaneceram como distritos. Por sua vez, Mandaguari foi fundado em 30/05/1905 e foi extinto na década de 1970.

⁵ A partir da década de 1990, os dados referentes a escala municipal referem-se à amostragem dos estabelecimentos, não havendo nessa década, dados consistentes sobre a cidade estudada. De tal maneira, optou-se por excluir a década de 1990 da análise em questão.

Em 1970, concomitante com aumento da taxa de urbanização, 50,10%, ocorreu um crescimento de 27,45% em relação à quantidade de estabelecimentos e 24,94%, empregados. O maior crescimento no setor do comércio varejista deu-se em 1980, quando Santa Cruz do Rio Pardo tornou-se urbano, com 65,71% de habitantes urbanos. Em 1980, ocorreu um aumento de 17,47% acerca da quantidade de estabelecimentos e de 63,20% quanto a quantidade de pessoas empregadas. Em 1980, além da efetivação do processo de urbanização, o município tornou-se importante centro comercial na rede urbana de Ourinhos, sendo de acordo com o REGIC⁶ de 1978 (IBGE, 1987), um centro de zona.

Tabela 2: Comércio varejista em Santa Cruz do Rio Pardo entre 1950 e 1980

Ano	Total de estabelecimentos	Pessoal empregado (total)
1950	153	343
1960	185	364
1970	255	485
1980	309	1.318

Fonte: IBGE (1950, 1960, 1970, 1980).
Org: Ferreira Dias, 2019.

Conforme a tabela 3, em 1950 havia 12 estabelecimentos atacadistas que empregavam 42 pessoas, situação alterada em 1960, sendo 9 estabelecimentos os quais empregavam 26 pessoas. Em 1970 ocorreu em relação a 1960 um aumento expressivo de 96,10% quanto ao total de estabelecimentos e 93,93%, em relação ao total de pessoas empregadas. Em 1980, a quantidade de estabelecimentos aumentou 2,53% e o pessoal empregado, 47,03%. Desse modo, Santa Cruz do Rio Pardo consolidou-se, a partir da década de 1970, a exemplo do comércio varejista, como um importante centro comercial atacadista.

Considerando o processo de urbanização e modernização agrícola, destaca-se: 1) a diminuição da quantidade de pessoas habitando o rural contribuiu para a redução dos estabelecimentos comerciais que existiam em vilas e distritos, concentrando-se na sede municipal; 2) o período foi marcado por um processo de industrialização em escala nacional apresentando desdobramentos no setor alimentício, que viu ampliado o número de estabelecimentos atacadistas voltados para esse setor; 3) a concentração de terras e a expansão da monocultura da cana-de-açúcar eliminou parte dos alimentos e outras atividades econômicas desenvolvidas na área rural; 4) a modernização das atividades econômicas desenvolvidas na área rural e na cidade, impôs a necessidade da existência de atacadistas de produtos para o suporte das

⁶ O estudo Região de Influência das Cidades de 1978 (IBGE, 1987) também apontava que as pequenas cidades eram equivalentes aos centros locais e centros de zona.

atividades agrícolas (agrotóxicos, maquinários, fertilizantes) e também das atividades desenvolvidas no âmbito urbano.

Tabela 3: Comércio atacadista em Santa Cruz do Rio Pardo entre 1950 e 1980

Ano	Total de estabelecimentos	Pessoal empregado (total)
1950	12	42
1960	9	26
1970	231	429
1980	237	810

Fonte: IBGE (1950, 1960, 1970, 1980).

Org: Ferreira Dias, 2019.

Em 2015, conforme dados do Cadastro Central de Empresas, Santa Cruz do Rio Pardo empregava 1.496 pessoas no comércio varejista em 302 empresas. Na tabela 4, destaca-se o setor alimentício e de materiais de construção quanto à quantidade de empresas e mão-de-obra empregada. O setor alimentício empregava 577 pessoas em 99 empresas, totalizando 38,56 e 32,78% do total de pessoas empregadas e quantidade de empresas respectivamente. O setor de materiais de construção empregava 338 pessoas ou 22,59% em 40 empresas ou 13,24% do total.

Tabela 4: Comércio Varejista em Santa Cruz do Rio Pardo, 2015

Tipo de estabelecimento	Pessoas Ocupadas	% total	Total de Empresas	% total
Supermercados	245	16,37%	21	6,95 %
Mercearias	144	9,62 %	52	17,21 %
Mercadorias geral	44	2,94 %	8	2,64 %
Confeitarias	144	9,62	18	5,96 %
Tabacarias	42	2,80 %	12	3,97 %
Lubrificantes	21	1,40 %	5	1,65 %
Pinturas	32	2,13 %	3	0,99 %
Material Elétrico	17	1,13%	3	0,99 %
Vidraçarias	31	2,07 %	6	1,98%
Materiais de Construção	338	22,59 %	40	13,24%
Informática	54	3,60 %	10	3,31 %
Telefonia	45	3,00 %	10	3,31%
Móveis	66	4,41 %	12	3,97%
Tecidos	13	0,86%	5	1,65 %
Eletrodomésticos	11	0,73%	5	1,65 %
Iluminação	12	0,80 %	1	0,33%
Esportivo	14	0,93 %	14	4,63 %
Farmácias	26	1,73 %	26	8,60 %
Óticas	7	0,46 %	7	2,31 %
Vestuário	76	5,08 %	19	6,29 %
Relojoarias	5	0,33 %	3	0,99 %
Gás	12	0,80 %	3	0,99 %

Calçados	23	1,53 %	10	3,31 %
Ortopédicos	5	0,33 %	5	1,65 %
Outros	69	4,61 %	11	3,64 %
Total	1.496		302	

Fonte: Cadastro Central de Empresas, 2015.
Org: Ferreira dias, 2019.

Conforme a Associação Comercial de Santa Cruz do Rio Pardo (ACE), predominavam empresas de capital local, embora existissem exceções. Quanto ao capital regional, havia a Colchões Castor, Supermercados São Judas Tadeu, Sorveteria Adorei, Fiat AJP (revendedora Fiat) e Ouricar (revendedora Chevrolet), sendo filiais oriundas de Ourinhos-SP. Havia ainda a Sapattu Mania e Supermercados Avenida de Assis-SP, Jacto de Pompeia-SP e a J Mahfuz de Mirassol-SP. As empresas varejistas de capital nacional presentes em Santa Cruz do Rio Pardo eram: Lojas Pernambucanas, O Boticário, Casas Bahia, Magazine Luiza, Lojas Cem, Cacau Show, CVC, Chiquinho Sorvetes, Água de Cheiro, Claro, Tim, Vivo, Subway e Colchões Ortobom (FERREIRA DIAS, 2019).

A tabela 5 refere-se às atividades comerciais atacadistas, sendo 69 empresas as quais empregavam 374 pessoas e conforme o cadastro central de empresas e a ACE, os estabelecimentos referiam-se a supermercados que também trabalham com atacado, algumas lojas de roupas e utensílios domésticos, produtos de uso veterinário e agrícola, alimentos e calçados produzidos pelas indústrias locais. O comércio atacadista de consumo não-alimentar totalizava 23,18% das empresas do setor, empregando 29,41% dos trabalhadores. O comércio atacadista de produtos alimentícios representava 25,66% do total de empregos e 18,84% das empresas, máquinas agrícolas perfazia 18,44% dos empregos e 14,49% das empresas, outros tipos de comércio atacadista, somavam 22,45% dos empregos gerados e 31,88% da quantidade de empresas.

Conforme a ACE, dentre as empresas atacadistas haviam aquelas relativas ao setor alimentício (Do Valle Distribuidora, Distribuidora de Bebidas Skol, Cerveja Conti, Rovaldo Alimentos, Bafari Carnes, Almark Alimentos, Hidrocerees, Cerealista Guacira), relativas ao setor de calçados (Dedmar Calçados, Parmegiani e Dezo Calçados, Pastore Calçados), móveis (CYD Movelaria, Stoke Móveis) e veterinário (Copermota).

Tabela 5: Comércio Atacadista em Santa Cruz do Rio Pardo, 2015

Tipo de estabelecimento	Pessoas Ocupadas	Total %	Total de Empresas	Total %
Consumo não-alimentar	110	29,41%	16	23,18 %
Produtos alimentícios	96	25,66%	13	18,84%
Materiais agrícolas	69	18,44%	10	14,49 %
Máquinas	7	1,87 %	4	5,79 %

Sucata	8	2,13%	4	5,79 %
Outros	84	22,45 %	22	31,88%
Total Geral	374		69	

Fonte: Cadastro Central de Empresas, 2015.

Org: Ferreira Dias, 2019.

Em 1950 havia 122 pessoas empregadas em 44 indústrias, relacionadas à alimentos, materiais metálicos, beneficiamento de café e confecção de roupas e calçados. Na década seguinte, houve aumento, na ordem de 49% em relação a quantidade de indústrias e 37,8%, quanto ao número de empregos. Esses dados coincidem com a acentuação do processo de urbanização (tabela 1) e com a origem da indústria de máquinas de beneficiamento de arroz Suzuki⁷, a instalação dos laticínios Vigor e das indústrias de beneficiamento de arroz locais. Na década de 1970 diminuiu o número de indústrias, passando de 89 para 76, reduzindo-se 14,60%. Apesar disso, a quantidade de pessoas empregadas passou de 322 para 440, motivado pela expansão das atividades das indústrias beneficiadoras de arroz (FERREIRA DIAS, 2019).

O crescimento do setor atrela-se à consolidação do processo de urbanização associado ao desenvolvimento de atividades relativas ao setor terciário e secundário. Na década de 1970, observou-se na tabela 3, um aumento expressivo da quantidade de estabelecimentos comerciais atacadistas e de pessoal empregado, fato comum ao caso dos estabelecimentos comerciais varejistas, (tabela 4). Nesse período fortaleceu-se as atividades econômicas urbanas, em razão da intensificação do processo de urbanização, e, pela modernização agrícola e as mudanças desencadeadas pela mesma.

Na década de 1980, ampliou-se as atividades da Indústria de Máquinas Suzuki, o setor de beneficiamento de arroz e deu-se origem à indústria calçadista local. Esse setor encontra-se em decadência desde meados de 2000, devido à concorrência com os produtos importados chineses. Anteriormente, a cidade ocupou a posição de 4º maior polo calçadista do estado de São Paulo, atraindo inclusive a instalação de uma unidade do SENAI, com cursos especializados na produção de calçados (Abicalçados). Apesar disso, as empresas Dylocally, Roffer Calçados, Mauber Calçados, Dedmar Calçados, Calçados Ki-Pé e Peão Calçados permanecem em atividade (FERREIRA DIAS, 2019).

Esses fatores explicam o aumento da quantidade de indústrias em Santa Cruz do Rio Pardo entre 1970 e 1980, sendo 19,14% e, principalmente quanto à quantidade de empregados, cujo aumento foi de 64,37%. Em 1990 o setor industrial manteve-se estável, pois a quantidade de empresas aumentou 9,61% e o pessoal empregado, 2,67%.

⁷ Trata-se de uma empresa que teve relação direta com a criação das indústrias de beneficiamento de arroz na cidade estudada, pois fabricava as peças e equipamentos usadas pelas beneficiadoras locais (FERREIRA DIAS, 2019).

Tabela 6: Estabelecimentos e pessoal empregado nas indústrias de Santa Cruz do Rio Pardo: 1950-2010

Ano	Estabelecimentos (total)	Pessoal empregado
1950	44	122
1960	89	322
1970	76	440
1980	94	1.235
1990	104	1.269

Fonte: IBGE (1950, 1960, 1970, 1980, 1990).
Org: Ferreira Dias, 2019.

Mediante à metodologia de pesquisa empregada pelo IBGE, em estabelecimentos que somam menos que 3 unidades não são divulgados dados acerca do pessoal empregado não apresentando destaque numérico, conforme a tabela 7. Em 2015 destacava-se o setor da indústria de transformação, empregando 3.657 pessoas em 170 estabelecimentos industriais, representando 90,90% do total. Essas indústrias referiam-se principalmente ao setor alimentício, relativo ao beneficiamento de arroz, fabricação de sorvetes, ração para cães e gatos, doces e pão de alho e, em menor número, as indústrias calçadistas. Todas as empresas são de capital local e não apresentam filiais em outras cidades.

As indústrias de equipamentos industriais, referiam-se à Máquinas Suzuki, FenixPan (indústria de máquinas para pães e confeitaria), CMA (Industria e Comércio de Máquinas Industriais), Trimetal (máquinas para baterias) e LKL Tecnologia (indústria de fabricação de esteiras para cerealistas). Todas essas indústrias são de capital local, exceto a LKL, filial da Carlos Becker Industrial de Gravataí - RS.

Tabela 7: Estabelecimentos Industriais em Santa Cruz do Rio Pardo, 2015

Tipos de Indústrias	Quantidade de estabelecimentos industriais	Quantidade de pessoas empregadas
Indústrias Extrativas	1	*
Indústrias de Transformação	170	3.657
Aparelhos de Refrigeração	1	*
Equipamentos Industriais	5	84
Fumo	1	*
Industria Mecânica	3	*
Instrumentação de Equip. Industriais	3	*
Peças industriais	2	*
Total	187	---

Fonte: Cadastro Central de Empresas, 2015.
Org: Ferreira Dias, 2019.
*Dado não divulgado.

As transformações também foram verificadas na área rural, devido ao processo de modernização da agricultura, que ocasionou alterações na estrutura dimensional dos estabelecimentos rurais, uso da terra, produtos cultivados e condição dos proprietários dos estabelecimentos rurais.

Porém, entre 1950 e 1960, as transformações eram discretas. Em 1950, os estabelecimentos rurais perfaziam 95.542 hectares, sendo a área total do município, 131.100 hectares. Prevalcia a condição do proprietário rural, somando 75,72% da área dos estabelecimentos rurais. Em seguida, havia os administradores que somavam 22,86% da área ocupada pelos estabelecimentos rurais. Em 1960, a área territorial manteve-se inalterada, 113.948, ocupados por estabelecimentos rurais. O item prevalente conforme a tabela 8 referia-se à condição de proprietário cujos estabelecimentos rurais somavam 93,16% do total. Em seguida, a condição de administrador significava 3,40% do total dos estabelecimentos rurais, seguidos pelos arrendatários, 1,38% e ocupantes, 0,46%.

Na década de 1970 reduziu-se em 8,75% a área utilizada pelos estabelecimentos rurais, porém a quantidade dos mesmos aumentou 2,17%. Semelhante à década anterior, a condição de proprietário prevalecia, sendo 93,16% da área total. As mudanças ocorreram em 1980, devido à: 1) a área territorial municipal manteve-se inalterada porém os estabelecimentos rurais somavam 99.900 hectares, representando uma diminuição de 4.068 hectares ou 3,91% em relação à 1970, quanto a área ocupada por estabelecimentos rurais era de 103.968 hectares; 2) entre 1970 e 1980, a quantidade de estabelecimentos rurais diminuiu 14,28% e a população rural passou de 17.363 para 11.601 habitantes, uma redução de 33,17%; 3) em 1980 o município tornou-se urbano com taxa de urbanização de 65,71%, expandindo-se o comércio varejista, atacadista e as indústrias, tornando as atividades econômicas urbanas relevantes.

Na década de 1990 houve mudanças quanto ao tamanho territorial de Santa Cruz do Rio Pardo, devido ao desmembramento de Espírito Santo do Turvo em 1991, sendo que a área passou de 131.100 hectares para 111.600, reduzindo-se 14,87%. Comparando a área utilizada pelos estabelecimentos em 1980 e 1996, a mesma diminuiu 2,26%. Porém, diferentemente das décadas anteriores aumentou a área relativa aos arrendatários.

O período refere-se à expansão do cultivo da cana-de-açúcar no âmbito municipal, (tabela 12), e esse tipo de cultivo, no município em análise, se dá principalmente em terras arrendadas. Esse fator explica o motivo da quantidade de estabelecimentos rurais não ter se alterado significativamente, pois a população rural diminuiu de 11.603 habitantes para 7.950 (IBGE, 1980, 1990), ou 31,40%, sendo que parte da população rural arrendou seus estabelecimentos rurais e passou a habitar a cidade (FERREIRA DIAS, 2019).

O tamanho territorial manteve-se inalterado, porém a área utilizada pelos estabelecimentos rurais aumentou 6,74% e a quantidade passou de 1.118 em 1996, para 825, em 2006, uma redução de 26,20%, indicando um processo de concentração de terras, associado à expansão do cultivo de cana-de-açúcar.

Tabela 8: Condição do Produtor Rural e área total dos estabelecimentos rurais de Santa Cruz do Rio Pardo: 1950 - 2006

Ano	Proprietários		Arrendatários		Ocupantes		Administradores		Área total dos estabelecimentos (ha)
	Área (ha)	%	Área (ha)	%	Área (ha)	%	Área (ha)	%	
1950	71.632	75,72	1.184	1,25%	108	0,11	21.618	22,86%	95.542
1960	105.14	%	3.904	3,42%	532	%	4.372	3,83%	113.948
1970	0	92,27				0,46			
		%				%			
1980	96.858	93,16	1.445	1,38%	133	0,13	3.535	3,40%	103.968
		%				%			
1990	92.502	92,59	4.291	4,29%	2.10	2,10	1.001	1,00%	99.900
		%			6	%			
1996	87.589	89,70	6.118	6,26%	746	0,76	3.186	3,26%	97.639
		%				%			
2006	95.354	91,35	1.625	1,55%	49	0,04	7.354	7,04%	104.382
		%				%			

Fonte: IBGE (1950, 1960, 1970, 1980, 1996, 2006).

Org: Ferreira Dias, F., 2019.

Na tabela 9, observa-se que em 1950 os pequenos estabelecimentos rurais com menos de 10 hectares representavam 16,74%, no patamar entre 10 e 50 hectares somava-se 48,59% do total. Os estabelecimentos rurais com tamanho entre 101 e 500 hectares somavam 15,09% e, entre 500 e 1.000 hectares, 2,32%. Os estabelecimentos rurais com mais de 1.000 hectares somavam apenas 0,36%. Em 1960 a situação pouco alterou-se, predominando os estabelecimentos com tamanho entre 10 e 50 hectares, sendo 53,50%. Os estabelecimentos rurais com menos de 10 hectares somavam 18,20% e aqueles entre 101 e 500 hectares, 11,52%. Portanto, era prevalente os estabelecimentos rurais pequenos, sendo que aqueles com tamanhos maiores que 500 hectares somavam 2,38%.

Acerca da área ocupada quanto à estrutura dimensional dos estabelecimentos rurais, conforme a tabela 10, em 1950, destacava-se os estabelecimentos entre 101 e 500 hectares, ocupando 28,05% da área total, aumentado em 1960, para 32,77% da área total. A menor área era ocupada pelos estabelecimentos menores que 10 hectares, sendo 1,47% na década de 1950 e 1,62% na década seguinte.

Em 1970, aumentou a quantidade de estabelecimentos rurais com tamanho entre 10 e 50 hectares, passando de 817 ou 53,50% para 847 ou 83,13%. Porém, ocorreu a diminuição dos estabelecimentos rurais menores que 10 hectares e daqueles maiores que 500 hectares, consistindo em um período em que as atividades econômicas rurais ainda eram o item mais importante da economia municipal. Por outro lado, os estabelecimentos rurais entre 100 e 500 hectares ocupavam a maiores áreas, 36,55%, sendo as menores, ocupadas pelos estabelecimentos menores que 10 hectares, 1,48% do total.

A década de 1980 foi marcada pela intensificação do processo de urbanização, aumentando a quantidade de estabelecimentos rurais com menos de 10 hectares e diminuindo aqueles entre 10 e 50 hectares. O fato é explicável pois esses pequenos estabelecimentos com menos de 10 hectares serviam de área de lazer utilizados em fins de semana. Os estabelecimentos entre 10 e 50 hectares foram em muitos casos, arrendados para o cultivo de cana-de-açúcar, o qual começava a ganhar importância nesse município (FERREIRA DIAS, 2019).

A partir da década de 1990 ocorreu um processo de concentração de terras, não evidenciado quanto à quantidade dos estabelecimentos rurais em relação à estrutura dimensional, mas em decorrência do aumento da área dos estabelecimentos rurais maiores. Embora os estabelecimentos rurais maiores que 1.000 hectares somassem apenas 0,17% do total, a área ocupada por eles era de 38,25%. Os estabelecimentos entre 10 e 50 hectares, os quais perfaziam 55,72% do total, representavam 13,31% da área total. Nota-se a diminuição do número de estabelecimentos rurais, caindo 16,44%, comparado a 1980 e o aumento da área relativa aos estabelecimentos rurais de 500 a 1.000 hectares e daqueles maiores que 1.000 hectares.

A concentração de terras identificada a partir de 1996 se refere-se à: 1) o processo de modernização agrícola demandava investimentos econômicos, os quais nem todos os proprietários rurais puderam realizar; 2) tem-se a inserção da monocultura da cana-de-açúcar, a qual apresenta rentabilidade em estabelecimentos rurais maiores; 3) as agroindústrias processadoras de cana-de-açúcar passaram a arrendar terras a fim de atender a demanda por matéria-prima; 4) parte dos antigos produtores rurais acumularam capitais os quais foram investidos em atividades urbanas, notadamente a indústria, 5) a modernização dos processos produtivos levou a queda de empregos na área rural, justificando assim o esvaziamento demográfico dessa parte do município e por consequência, a concentração de terras.

Em 2006, a concentração de terras foi intensificada pois os estabelecimentos rurais maiores que 1.000 hectares aumentaram numericamente e quanto à área dos mesmos, somando 45,56% da área total e 1,33% da quantidade de estabelecimentos.

Tabela 9: Estrutura Dimensional dos Estabelecimentos Rurais em Santa Cruz do Rio Pardo: 1950-2006

Grupos de Área	1950		1960		1970		1980		1996		2006	
	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%
Menos de 10	202	16,74%	278	18,20%	231	14,79%	441	32,95%	292	26,11%	222	26,90%
10 a 50	586	48,59%	817	53,50%	847	83,13%	416	31,09%	623	55,72%	432	52,36%
51 a 100	216	17,91%	225	14,73%	259	16,59%	258	19,28%	110	9,83%	92	11,15%
101 a 500	182	15,09%	176	11,52%	193	12,36%	195	14,57%	62	5,54%	62	7,51%
501 a 1.000	28	2,32%	15	0,98%	25	1,60%	26	1,94%	29	2,59%	10	1,21%
Mais de 1.000	8	0,36%	16	1,04%	6	0,38%	2	0,14%	2	0,17%	11	1,33%
total	1.206		1.527		1.561		1.338		1.118		825	

Fonte: IBGE (1950, 1960, 1970, 1980, 1996, 2006).
Org: Ferreira Dias, 2019.

Tabela 10: Área dos estabelecimentos rurais quanto à estrutura dimensional, em Santa Cruz do Rio Pardo: 1950-2006

Grupos de Área	1950		1960		1970		1980		1996		2006	
	Área (ha)	%	Área (ha)	%	Área (ha)	%	Área (ha)	%	Área (ha)	%	Área (ha)	%
Menos de 10	1.394	1,47%	1.853	1,62%	1.541	1,48%	5.135	5,14%	996	1,02%	1.041	0,99%
10 a 50	15.071	15,94%	20.529	18,01%	11.534	11,09%	15.208	15,22%	13.000	13,31%	10.358	9,92%
51 a 100	15.238	16,11%	15.903	13,95%	18.373	17,61%	18.157	18,17%	13.967	14,30%	6.353	6,08%
101 a 500	26.525	28,05%	37.342	32,77%	38.005	36,55%	41.360	41,40%	16.167	16,55%	22.169	21,23%
501 a 1.000	13.745	14,53%	10.270	9,01%	15.500	14,90%	13.086	1,30%	15.360	15,73%	16.902	13,31%
Mais de 1.000	22.569	23,87%	28.051	26,61%	19.015	18,28%	25.111	25,13%	37.349	38,25%	47.559	45,56%
Área total (ha)	94.542		113.948		103.968		99.900		97.639		104.382	

Fonte: IBGE (1950, 1960, 1970, 1980, 1996, 2006).
Org: Ferreira Dias, 2019.

Na tabela 11, observa-se que em 1950 predominava as pastagens, 38,11% da área ocupada, seguida da agricultura, 32,66%, aumentando 11.665 hectares entre 1950 e 1960, tornando-se o principal uso da terra, até 1996. A expansão das pastagens se liga à empresa de laticínios Vigor, inaugurada em 01/03/1960 em Santa Cruz do Rio Pardo. Na unidade industrial eram produzidos leite engarrafado, manteiga e iogurtes, sendo utilizado como matéria-prima, o leite comprado dos produtores locais. A empresa instalou essa unidade devido à oferta abundante de matéria-prima. Devido a problemas judiciais de cunho ambiental, pois a unidade industrial estava localizada no centro da cidade, a empresa finalizou suas atividades na cidade em 03/12/2001 (FERREIRA DIAS, 2019).

Por outro lado, na década de 1950, havia o problema do exaurimento do solo em parte do município, resultando no fato de que parcela dos produtores rurais passaram a investir na pecuária leiteira. A produção era inicialmente comercializada regionalmente, porém com a instalação da empresa Vigor os produtores rurais passaram a vender suas produções para essa empresa. Na década de 1970, a redução de áreas agrícolas e o aumento das áreas de pastagens permaneceram. A agricultura ocupava 30.698 hectares em 1960, porém foi reduzida para

26.194 hectares, uma diminuição em termos reais de -14,67%. A área das pastagens passou de 57.026 hectares em 1960 para 62.378 hectares, um aumento de 8,57%. Por outro lado, tanto em 1960, quanto em 1970, as pastagens eram o item mais abrangente, pois ocupavam 50,04% e 59,99% da área total, respectivamente.

Entre 1960 e 1970, diminuiu em 47,49% as áreas ocupadas por matas e florestas, pois eram 10.419 hectares em 1960 e 5.470 hectares em 1970. O mesmo caso aconteceu com as áreas não-utilizadas, passando de 8.823 hectares em 1960, para 6.678 hectares em 1970, ou seja, uma redução de 24,31%. As áreas improdutivas também passaram por redução de 49,50% no período em análise, sendo possivelmente incorporadas pelas pastagens, justificando o aumento expressivo da área utilizada para essa finalidade.

No censo⁸ agropecuário de 1980 não foi divulgado dados acerca de áreas improdutivas, porém nota-se um aumento geral da área utilizada pelos estabelecimentos rurais, passando de 103.968 hectares em 1970 para 117.194 em 1980, significando um aumento de 11,28%. As áreas não utilizadas reduziram-se 92,67%. A área relativa às pastagens aumentou 13,95% entre 1970 e 1980 mantendo-se como o principal uso da terra, pois, em 1970, as pastagens ocupavam 59,95% da área total dos estabelecimentos rurais. A agricultura ocupava a segunda maior área, 40.194 hectares ou 34,20% da área total, aumentando 14.000 hectares, ou 34,83% em relação a 1970.

Cabe entender que na década de 1980 Santa Cruz do Rio Pardo havia passado por um intenso processo de modernização agrícola, justificando a incorporação de novas áreas para plantio e pastagem. Por outro lado, a modernização dos processos produtivos desencadeou a diminuição de empregos na área rural, corroborada pela redução da população rural, discutida nesse capítulo. Apesar disso, observou-se que a área agrícola e ocupada pela pecuária aumentou na década de 1980.

Em 1996 ocorreu a redução de -17,79% da área ocupada com pastagens comparavelmente a 1980. A área ocupada com agricultura também decresceu 8.071 hectares ou 20,08%. Porém, houve um aumento da área não utilizada, passando de 489 hectares em 1980 para 9.036 em 1996, significando em termos percentuais 94,58%. Portanto, tem-se a redução geral das áreas destinadas à alguma atividade econômica rural.

Quanto a 2006, houve um aumento da área relativa à agricultura, passando de 32.123 hectares em 1996 para 52.995 hectares em 2006, ou 39,38%. As áreas improdutivas eram 3.200 hectares e tornaram-se 1.068 hectares, representando uma diminuição de 66,62%. As áreas

⁸ Nesse censo agropecuário notou-se metodologias diferentes para a exposição dos dados acerca da estrutura dimensional dos estabelecimentos rurais e da área referente a cada uso da terra, por essa razão houve diferenças quanto a área total dos estabelecimentos rurais.

não utilizadas por sua vez, passaram por um aumento de 43,07%. Cabe ponderar que a utilização principal voltou a ser a agricultura, representando 50,77% da área total e as pastagens deixaram de ser o principal uso.

Tabela 11: Utilização das terras em Santa Cruz do Rio Pardo: 1950 - 2006

ano	Agricultura		Pastagens		Matas e Florestas		Não utilizadas		Improdutivas		Total (ha)
	Área (ha)	Total (%)	Área (ha)	Total (%)	Área (ha)	Total (%)	Área (ha)	Total (%)	Área (ha)	Total (%)	
1950	30.880	32,66%	36.031	38,11%	8.464	8,9%	14.598	15,44%	4.569	4,83%	94.542
1960	30.698	26,94%	57.026	50,04%	10.419	9,14%	8.823	7,74%	6.432	5,64%	113.948
1970	26.194	25,19%	62.378	59,99%	5.470	5,26%	6.678	6,42%	3.248	3,12%	103.968
1980	40.194	34,20%	66.275	59,55%	3.678	3,13%	489	0,41%	---	---	117.194
1996	32.123	32,89%	48.546	49,71%	4.734	4,84%	9.036	9,25%	3.200	3,27%	97.639
2006	52.995	50,77%	29.787	28,53%	4.659	4,46%	15.873	15,20%	1.068	1,02%	104.382

Fonte: IBGE (1950, 1960, 1970, 1980, 1996, 2006).

Org: Ferreira Dias, 2019.

--dado não divulgado

Conforme a tabela 12, na década de 1950 o café era o principal cultivo, ocupando 8.576 hectares ou 37,52% da área relativa aos principais cultivos. O milho era o segundo principal cultivo, ocupando 22,08%. No mesmo período houve a maior produção de arroz, com 4.251 hectares plantados e 6.852 toneladas produzidas, fato que não se manteve nas décadas seguintes apesar de Santa Cruz do Rio Pardo ter se transformado posteriormente em um polo beneficiador. A explicação é que o beneficiamento com arroz produzido localmente não apresentou relevância em nenhum período, na medida que a matéria-prima utilizada é originária de Uruguaiana (RS) (FERREIRA DIAS, 2019).

Em 1960 o café havia atingido em Santa Cruz do Rio Pardo o maior patamar tanto em área cultivada quanto em produção. Comparativamente a 1950, a área plantada cresceu 47,93% e a quantidade produzida, 62,92%. O período também foi marcado pela maior produtividade dos pés de café, atingindo 900 kg por hectare. Por outro lado, de acordo com dados do censo agropecuário de 1960 (IBGE,1960), o município era um dos maiores produtores⁹ estaduais de café, sendo que esse gênero agrícola representava, no contexto municipal 66,82% da área cultivada. Justifica-se assim a baixa taxa de urbanização do período, 37,98% (tabela 1), na medida que a produção cafeeira empregava extensa mão-de-obra.

O milho ocupava a segunda maior área dentre os principais cultivos representando 19,08%. Por sua vez, a cana-de-açúcar ainda ocupava discreta área de apenas 767 hectares gerando

⁹ Os maiores produtores de café do estado de São Paulo eram: Garça (28.157 toneladas), São Manoel (22.033 toneladas), Adamantina (21.082 toneladas), Ipaussu (20.052 toneladas), Jaú (19.703 toneladas), Marília (19.136 toneladas), Oswaldo Cruz (18.905 toneladas) e Santa Cruz do Rio Pardo (18.186), (IBGE, 1960).

43.260 toneladas, as quais passavam por processo industrial sendo transformada em açúcar na agroindústria Usina São Luiz, localizada em Ourinhos-SP. Em relação a soja apenas em 2006 esse cultivo tornou-se importante em Santa Cruz do Rio Pardo totalizando 26,45% da área plantada e produzindo 18.900 toneladas. O cultivo de algodão era realizado nas terras menos férteis, porém sua produção tornou-se relevante apenas na década de 1980, pois foi plantado em 1.881 hectares, produzindo 2.184 toneladas.

O café tornou-se menos relevante tanto em área plantada quanto em relação à produção pois entre 1960 e 1970 a área cultivada reduziu-se -58,18% e a quantidade produzida, -76%. Comparando 1970 e 1980 acerca da quantidade produzida e a área cultivada, a redução foi de -40,20% e -50,52% respectivamente. Entre 1980 e 1996 a redução da área cultivada foi de -69,49% e da produção, -51,20%. Porém, entre 1996 e 2006 a área plantada aumentou 16% e a produção, 22,22%.

Entre 1960 e 1980, a redução da área plantada de café foi -75% e a quantidade produzida diminuiu -88,15%. Nesse momento o cultivo de café deixou de ser a principal atividade econômica de Santa Cruz do Rio Pardo, embora não tenha sido extinta. Ao contrário, entre 1996 e 2006, ocorreu um pequeno crescimento da área plantada e da produção cafeeira. Porém, a partir da década de 1980 a área plantada e a produção cafeeira perderam destaque para as pastagens e posteriormente, para a cana-de-açúcar.

O período referente a diminuição da área plantada e da produção cafeeira coincide com a expansão do processo de urbanização (tabela 1). Por outro lado, o fim das atividades da ferrovia Sorocabana no município em 1966, com a desativação dos ramais de Santa Cruz do Rio Pardo e do distrito de Sodrélia, possivelmente relacionam-se com a diminuição da importância da atividade cafeeira no município.

Presentemente há em Santa Cruz do Rio Pardo a Café Vigui, que beneficia e industrializa café e a Zilli/SA, que realiza a torrefação de café e revende à Café Jaguari de Ourinhos, sendo que essa empresa industrializa e comercializa o produto. O café é originário de Bernardino de Campos, Cerqueira César e principalmente Piraju, pois a produção cafeeira de Santa Cruz do Rio Pardo não é suficiente para a atuação dessas empresas. O setor não apresenta destaque em Santa Cruz do Rio Pardo pois emprega apenas 10 pessoas e a atuação das empresas é local (FERREIRA DIAS, 2019).

Embora o cultivo de cana-de-açúcar tenha se iniciado em 1920 (BRASIL, 1920), a produção era apenas para consumo local, produzindo aguardente, álcool e açúcar. A produção comercial com o objetivo de atender o setor sucroalcooleiro tornou-se relevante a partir da década de 1980. Conforme a tabela 12, entre 1960 e 1970, o cultivo aumentou 63,38% quanto à área

cultivada e 84,82% em relação a produção. Porém, nesse período, o café e o milho eram produtos de maior destaque na economia municipal.

Entre 1970 e 1980 a área ocupada pela cana-de-açúcar aumentou 73,77% e a produção 80,83%. O período coincide com alguns fatores: 1) inserção do Proálcool; 2) expansão das atividades da Usina São Luiz em Ourinhos, sendo que parte da matéria-prima era oriunda de Santa Cruz do Rio Pardo; 3) processo de modernização agrícola; 4) diminuição da área ocupada pelo café. A cana-de-açúcar tornou-se o principal produto agrícola de Santa Cruz do Rio Pardo em 1996, quando atingiu 46,23% da área cultivada, produzindo 1.134.000 toneladas. Em 2006 a área plantada de cana-de-açúcar representava 50,41% e a produção atingiu 1.182.720 toneladas.

O milho manteve-se como o segundo principal produto agrícola, sendo que em 2006 ocupava 41,68% da área cultivada. O milho produzido é em parte vendido à indústria de ração para cães e gatos Special Dog e para outros compradores, a fim de ser utilizado na indústria alimentícia. Quanto à cana-de-açúcar, a produção constitui parte da matéria-prima utilizada pelas agroindústrias processadoras de cana-de-açúcar Usina São Luiz (Ourinhos) e Agrest (Espírito Santo do Turvo).

Tabela 12: Área e quantidade produzida dos principais cultivos agrícolas em Santa Cruz do Rio Pardo: 1950 - 2006

Ano	Café		Milho		Cana de Açúcar		Soja		Algodão		Arroz		Área Total (ha)
	Área (ha)	Qtde (T)	Área (ha)	Qtde (T)	Área (ha)	Qtde (T)	Área (ha)	Qtde (T)	Área (ha)	Qtde (T)	Área (ha)	Qtde (T)	
1950	8.576	6.736	5.048	9.035	9	230	0	0	2.381	1.569	4.251	6.852	22.853
1960	16.393	18.168	4.681	5.494	767	43.260	0	0	823	434	1.133	1.590	23.417
1970	6.853	4.350	8.278	13.452	2.095	128.085	0	0	154	102	4.052	2.951	21.432
1980	4.098	2.152	12.245	24.133	7.988	668.177	4.290	8.527	1.141	2.184	2.166	1.797	32.933
1996	1.250	1.050	12.095	26.760	12.600	1.134.000	0	0	100	179	600	250	26.600
2006	1.500	1.350	11.030	42.726	13.340	1.182.720	7.000	18.900	93	209	200	320	26.136

Fonte: IBGE (1950, 1960, 1970, 1980, 1996, 2006).

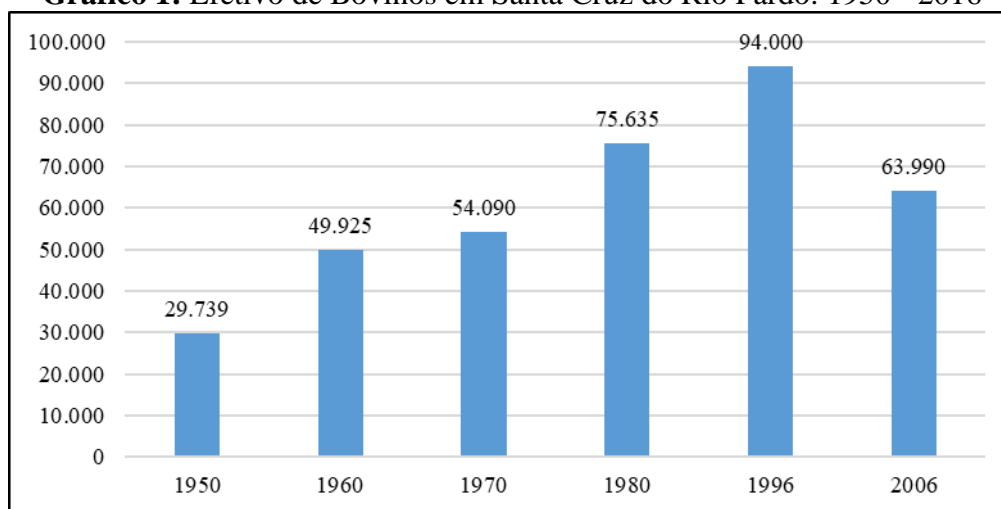
Org: Ferreira Dias, 2019.

O aumento das áreas de pastagens coincidiu com o crescimento da pecuária. Em 1950 havia 29.739 cabeças e em 1960, 49.925 cabeças, um crescimento de 40,43%. O crescimento do setor continuou em 1970, atingindo 54.090 cabeças, um aumento de 7,70%. Em 1980 a ampliação da área relativa às pastagens atrela-se ao crescimento de 28,48% da quantidade de cabeças, ou 75.635 animais.

Em 1996 o número de cabeças de gado bovino aumentou 19,82%. Apesar do período ser marcado pela redução das áreas de pastagens, houve a inauguração em 1991 do frigorífico Itajara, o qual abatia bovino locais. Com isso, a finalidade da criação de animais deixou de ser pecuária leiteira e passou a ser a criação de bovinos para corte. Em 2006, ocorreu uma

redução na área referente as pastagens e também da quantidade de animais, devido ao avanço do plantio da cana-de-açúcar, conforme nota-se na tabela 12.

Gráfico 1: Efetivo de Bovinos em Santa Cruz do Rio Pardo: 1950 - 2016



Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 1950, 1960, 1970, 1980, 1996, 2006).
Org: Ferreira Dias, 2019.

Considerações Finais

Na primeira metade do século XX, predominava a população habitando a área rural e a economia era pautada na agricultura, em especial ao cultivo de café para fins de exportação. O núcleo urbano atendia às necessidades de consumo da população rural, ao beneficiamento e comercialização dos produtos agrícolas e às demandas da restrita população urbana.

A modernização da agricultura trouxe como consequência o fato de que parte dos antigos produtores rurais passaram a investir em atividades industriais, ou seja, ocorreu um processo de transferência de capital do âmbito rural para o urbano, criando a partir de então, indústrias de capital local atreladas ao setor alimentício. Também se desenvolveu um mercado consumidor local, criando-se um comércio mais diversificado, sendo atualmente um setor destacável nessa cidade.

No momento atual a produção agrícola ocupa a maior área em Santa Cruz do Rio Pardo, sendo a cana-de-açúcar o principal cultivo. O café, plantio que impulsionou a ocupação desse município ocupa pequena área e não se configura como uma atividade econômica relevante. O cultivo de milho, soja e a criação de gado bovino são as demais atividades econômicas desenvolvidas no âmbito rural.

Mediante às leituras da bibliografia sobre a rede urbana e o REGIC de 1978 e 2007 (IBGE 2008), compreende-se que as transformações pela qual a rede urbana de Ourinhos passaram são resultados diretos das mudanças na divisão territorial do trabalho, ocasionadas pela

modernização da agricultura e pela mundialização do capital, o qual passou a apresentar maior mobilidade, bem como as importantes iniciativas empresariais de cunho local.

Santa Cruz do Rio Pardo passou durante a primeira metade do século XX por um processo de fragmentação das grandes propriedades rurais, e a partir da década de 1970 tem-se um processo de concentração de terras oriundo dos desdobramentos da modernização da agricultura e da expansão do cultivo da cana-de-açúcar.

A cidade permaneceu como um centro de zona não passando por mudanças funcionais, na medida que Ourinhos prevaleceu com a principal cidade de sua rede urbana, concentrando funcionalidades mais complexas que as pequenas cidades, dentre elas, Santa Cruz do Rio Pardo. Santa Cruz do Rio Pardo permanece uma pequena cidade do ponto de vista populacional pois presentemente conta menos que 50.000 habitantes, e também acerca do papel desempenhado na rede urbana, mantendo-se como um centro de zona e exercendo influência apenas sobre os centros locais São Pedro do Turvo e Espírito Santo do Turvo.

Referencias

ASSIS, L. F. et al. **A terceirização na cidade média de Sobral e suas influências nas cidades pequenas de Cariré e Varjota - CE.** Revista da Casa da Geografia de Sobral, v. 8-9, nº 1, p. 123-140, 2006/2007.

BESSA, Kelly Cristine Fernandes. Estudos sobre a rede urbana: os percursos da teoria das Localidades Centrais. **GeoTextos**, v.8, n.1, 2012, p.147-156.

CHRISTALLER, W. **Central Places in Southern Germany.** Prentice-Hall, INC. Englewood Cliffs, 1996, 230 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. **As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural.** GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, nº 30, pp. 05-12, 2011.

_____. **A rede urbana.** São Paulo: Ed. Ática, 1994, 96 p.

_____. **Estudos Sobre a Rede Urbana.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 336 p.

_____. **Rede urbana: reflexões, hipóteses e questionamentos sobre um tema negligenciado.** Revista Cidades, Presidente Prudente, v. 1, n. 1, p. 65-78. Jan. /Jun. 2004.

ENDLICH, A. M. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades.** 2006. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente - SP, 505 p.

FERREIRA DIAS, F. **Pequenas Cidades na Rede Urbana de Ourinhos – SP: Agronegócio e Especialização Produtiva.** Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 300p, 2019.

FRESCA, T. **Centros Locais e Pequenas Cidades: Diferenças Necessárias.** Revista Mercator. Fortaleza, número especial, p. 75-81 dez. /2010.

IBGE. **Contagem da população 2018.** <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acessado 12 em abril de 2019.

IBGE. **Dados censitários 1940 a 2000.** <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acessado em 19 outubro de 2019.

IBGE. **Regiões de influência das cidades 1987**. Rio de Janeiro: IBGE, 1987. Disponível em:http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/regioesdeinfluencia/Regioes%20de%20influencia%20das%20cidades_1987.pdf Acesso em 23/04/2015.

IBGE. **Regiões de influência das cidades 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm>> Acesso em 10/04/2015.

IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). **Caracterização e Tendências da Rede Urbana do Brasil**. (Coleção Pesquisa, 3v), Brasília: IPEA; Rio de Janeiro: IBGE Campinas: UNICAMP-IE/NESUR; IPEA; IBGE, 2000.

JUNQUEIRA, Magali Ferreira. **Santa Cruz do Rio Pardo**: Memórias-subsídios para a história de uma cidade paulista. São Paulo: Editora Viena, 1994, 342 p.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Editora Pólis Editora Hucitec, 1984, 392 p.

OLANDA, Elson Rodrigues. As pequenas cidades e o vislumbrar do urbano pouco conhecido pela geografia. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO v. 2, n. 4, 2008, p.183-191.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 2013, 176 p.

_____. **Manual de Geografia Urbana**. São Paulo: Edusp, 1989, 225 p.